

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

LINGUAGENS

BNCC ✓

A photograph of two children jumping joyfully against a clear blue sky. The child on the right is a boy in a grey hoodie and blue jeans, with his arms raised high. The child on the left is a girl in a white hoodie and pink pants, also jumping with her arms raised. The background is a bright blue sky with some light clouds. There are large yellow geometric shapes on the right side of the page.

Tão múltiplas quanto as formas de linguagem são as da existência humana, e é por isso que a língua se torna uma poderosa forma de acolhimento para os refugiados. Afinal, ela não só auxilia na comunicação cotidiana entre pessoas, como também permite elaborar a vida e seus acontecimentos por meio da arte.



O português como língua de acolhimento e interação: a busca pela autonomia por pessoas em situação de refúgio no Brasil

A expressão “língua de acolhimento” surge no contexto português após o aumento dos movimentos migratórios para Portugal, sobretudo no ano 2000, procedentes de países do Leste Europeu e dos continentes africano e asiático. Ançã (2002, 2003) defende o uso da designação “língua de acolhimento”, numa tradução emprestada de Lüdi e Py (1986), para situações de aprendizagem da língua portuguesa pelos imigrantes.

[...]

A população de migrantes, como atesta Grosso (2010), enfrenta um problema comum: a barreira linguística, recorrentemente referida como origem de mal-entendidos, de preconceitos de quem chega e de quem acolhe. Nesse contexto – o do recém-chegado a Portugal que precisava se comunicar em português para se estabelecer no país de acolhimento –, surge o conceito de língua de acolhimento, cuja aprendizagem era essencial à melhoria da qualidade de vida e à integração dos migrantes na nova sociedade em que se pretendiam inserir.

PEREIRA, Giselda Fernanda. O português como língua de acolhimento e interação: a busca pela autonomia por pessoas em situação de refúgio no Brasil. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**. São Paulo: Editora Mackenzie, v. 17, n. 1, p. 118–134, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/10248/6507>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SOS –Salvem nossas almas é uma criação de Achilleas Souras, jovem de 16 anos, que decidiu construir uma instalação artística em formato de iglus utilizando coletes salva-vidas coletados nas margens de Chios, Kos e Lesbos, ilhas gregas que são os principais pontos de desembarque para os refugiados que entram na Europa.

Uma das intenções do artista foi demonstrar que a realidade dos milhares de refugiados afeta a todos e que devemos nos sensibilizar e contribuir para reduzir os danos dessa catástrofe humanitária.





Ensino de idiomas proporciona troca cultural e chances de trabalho a refugiados na região

Adrinne Christelle, refugiada no Brasil vinda de Camarões, hoje é professora de francês, sua língua materna.

Com a proposta de promover o ensino de línguas, trocas culturais e geração de renda a refugiados no Brasil, a ONG Abraço Cultural iniciou suas atividades no Rio. [...] Sucesso em São Paulo desde 2015, quando foi criado por outra ONG, a Atados, o Abraço Cultural tem como objetivo a inclusão de refugiados na realidade brasileira, oferecendo oportunidades concretas de trabalho, algo que nem todos os que chegam ao Brasil conseguem.

[...]

No programa dos cursos de línguas estão previstas aulas dedicadas à troca de experiências culturais entre professores e alunos. Nelas, são propostos temas relacionados a culinária, dança, música, literatura, cinema, curiosidades, política e história.

– Mais do que trabalhar para ganhar dinheiro, a parte mais interessante é a integração e troca de experiências. Pode-se aprender muitas coisas e tenho muito orgulho em passar o que tenho. A África tem uma história, uma cultura e um monte de coisas boas que podem ser apresentadas ao mundo – conta o congolês Audrey Mandala, de 27 anos.

A coordenadora do Abraço Cultural no Rio, Tatiana Rodrigues, foi uma das pessoas que ajudaram a implantar o projeto na cidade e explica que a equipe conta com administradores, comunicadores, pedagogos e outros voluntários que dão apoio ao treinamento e capacitação dos professores, que são encontrados através de uma parceria feita com a Caritas, entidade de atuação social e defesa dos direitos humanos ligada à Igreja Católica, vinculada à ONU. Ela destaca a importância de oferecer oportunidades remuneradas aos refugiados:

– Ajuda a acabar com o estereótipo e estigma de que eles são “pobres coitados”. Os professores são jovens, frequentam festas e têm muito a compartilhar e a enriquecer nossa vida – conta.

[...]

Ensino de idiomas proporciona troca cultural e chances de trabalho a refugiados na região.

O Globo, 28 jul. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/ensino-de-idiomas-proporciona-troca-cultural-chances-de-trabalho-refugiados-na-regiao-19792494>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

> Africanos contam vida em São Paulo, onde ampliam mosaico da imigração

[...]

O estilo descontraído de Prudence Kalambay dá lugar por instantes a um tom assertivo. “Saímos dos nossos países por necessidade, tivemos que abandonar nossas famílias. Alguns brasileiros nos veem com pena. Mas nós, refugiados, não somos coitados. Falamos várias línguas e temos uma bagagem intelectual”, diz.

Aos 38 anos, ela participa de eventos para falar sobre a vida no seu país de origem, a República Democrática do Congo (RDC) — não confunda com a nação vizinha, a República do Congo, também conhecida como Congo-Brazzaville.

Prudence também se apresenta em espetáculos de cultura africana, especialmente nas unidades do Sesc. Costuma dançar o ndombolo, gênero popular na África central. Atua ainda como voluntária na ONG África do Coração, em São Paulo.

Com uma infância confortável em Kinshasa, capital da RDC, ela não poderia imaginar o que estava por vir. Foi criada por uma tia, comerciante bem-sucedida que bancava os estudos da menina. Na juventude, tornou-se assessora de um dos mais poderosos generais do país. Foi nessa época, aos 24 anos, que Prudence recebeu o título de Miss Congo e ganhou projeção graças às TVs do país.

Um ano depois, o conto de fadas começou a ruir. O general, seu patrão, virou *persona non grata* para Joseph Kabila, que presidiu o país por duas décadas, até janeiro de 2019. Com medo das tropas de Kabila, Prudence fugiu para Angola, com a filha de quatro anos.

O encanto pelo Brasil cresceu na capital angolana, Luanda, onde acompanhava novelas como “Alma Gêmea”. Meses depois, conseguiu comprar uma passagem de avião para o Rio de Janeiro.

A cidade não se parecia em nada com o que ela via na televisão. Assustou-se ao chegar ao bairro de Brás de Pina, onde traficantes exibiam suas armas. Apesar da má impressão, morou por anos no local.

Os diplomas obtidos com a ajuda da organização católica Cáritas levaram Prudence aos seus primeiros empregos, que ficaram marcados pelo racismo. Em um mercado carioca, alguns clientes reclamavam ao gerente da presença de uma caixa “estrangeira”. “Botafogo tem gente que se acha, não é? Mas eu gostava da fila de idosos, as senhoras de idade conversavam comigo.”

Há quatro anos, já com cinco filhos, ela trocou o Rio por São Paulo. Assim que chegou, morou com as crianças em uma ocupação perto da praça da República. Aos poucos, a situação da família tem melhorado. Vivem hoje em uma casa em Artur Alvim, na zona leste.

[...]

HADDAD, Naief. Africanos contam vida em São Paulo, onde ampliam mosaico da imigração. **Folha de S.Paulo**, 8 set. 2019. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/09/africanos-contam-vida-em-sao-paulo-onde-ampliam-mosaico-da-imigracao.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2020.

É importante diferenciar as variadas categorias em que as pessoas em deslocamento forçado estão divididas para compreender as particularidades de cada uma:

Refugiados	Imigrantes que têm esse <i>status</i> reconhecido pelo governo brasileiro, pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), ou outro órgão internacional de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1976.
Solicitantes de refúgio	Todo imigrante que solicita ao governo ou aos órgãos governamentais pedido de refúgio.
Imigrantes econômicos	Sujeitos que saem de seu país de origem por motivos econômicos, em busca de trabalho.
Imigrantes humanitários	Sujeitos em deslocamento que foram vítimas de violações de direitos humanos ou que não podem regressar ao seu país de origem porque seu retorno forçado feriria os direitos humanos.
Apátridas	Indivíduos sem nacionalidade.
Imigrantes indocumentados	Sujeitos em situação migratória irregular, sem dispor de documentos que regulamentam sua estadia em outro país.





Em movimento: linguagens e refugiados

Quando nos comunicamos, criamos uma ponte entre o “eu” e o “outro” com a intenção de transmitir algum tipo de conteúdo ou informação. O modo como se pode iniciar a construção do alicerce dessa ponte comunicativa é diverso, tanto quanto a própria linguagem humana, que se utiliza de sistemas e configurações variadas.

Há a linguagem verbal, a não verbal, a plástica, a publicitária e ainda a expressão corporal. Além disso, existem diversas trocas entre as formas de linguagem, e entre as línguas. A língua portuguesa, por exemplo, sofreu e sofre variações a depender do local de quem a fala e com qual finalidade. O idioma também recebe, em sua cultura, influências [in]diretas dos demais países da América Latina e dos continentes europeu, africano e asiático. Há também a variação linguística do norte ao sul do país, derivada de características e especificidades locais, provocando ora distâncias, ora aproximações entre os falantes.

Outro fator que influencia na linguagem são as idas e vindas migratórias, que sempre existiram ao longo da história da humanidade e foram responsáveis por grandes trocas entre grupos humanos diferentes. Atualmente, vive-se, em perspectiva global, a maior crise de deslocamento humano forçado desde a segunda Guerra Mundial. Por isso, é de se esperar que as linguagens sejam um elemento de destaque nesse cenário.

Pessoas de diferentes lugares chegam a outras nações solicitando refúgio, e fazem isso por diversos e variados motivos. Uma dessas nações que acolhem refugiados é o Brasil: chegam diariamente no país homens, mulheres, crianças e idosos. A maioria desses sujeitos vem de países como Angola, Palestina, República Democrática do Congo, Síria e Venezuela. Ao chegarem ao país, precisam solicitar o documento de refúgio. O pedido é analisado pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), órgão vinculado ao Ministério da Justiça.

O Conare concede o documento de refúgio se entender que essas pessoas estavam sujeitas a algum tipo de perseguição (que pode ser do tipo étnica, religiosa, política, social ou por fundado temor por conta da sua nacionalidade) em seu país de origem, ou foram forçados a sair de sua terra natal em virtude de conflitos armados na região, grande violência e/ou grave violação dos direitos humanos.

Essas pessoas procuram recomeçar a vida no novo país e fazem isso com pouco ou nenhum planejamento prévio por conta das dificuldades anteriormente enfrentadas. Isso significa que, na maioria dos casos, elas chegam sem dominar o idioma oficial daquele território, o que impõe diversos empecilhos e dificuldades.

Linguagem e integração

Para que o refugiado possa integrar-se completamente, diversos aspectos são importantes, como o jurídico, econômico, cultural, social e os demais itens para a garantia dos Direitos Humanos. Entretanto, esses processos simultâneos demandam a comunicação com outros sujeitos, ou ainda instituições, e a comunicação de suas necessidades básicas (como moradia ou tratamento médico), que se faz pela mediação da linguagem. Portanto, a linguagem é a porta de entrada para a garantia de uma vida com plenos direitos, posto que as linguagens oral e escrita alicerçam em grande parte a vida na sociedade moderna.

Nesse cenário, é importante para o interlocutor o entendimento da complexidade da língua e da comunicação humana, uma vez que os refugiados carregam histórias, tradições, costumes e crenças, elementos variados e múltiplos que possibilitam a comunicação, não apenas a articulação de fonemas em diferentes idiomas.

É por isso que, apesar de a linguagem se fazer necessária para garantir a sustentação da nova vida que os refugiados buscam construir, o foco não precisa ser na linguagem sem erros gramaticais e com pleno domínio vocabular, mas antes no domínio e comunicação básicos. Mesmo porque o aprendizado de uma língua diferente é um processo longo e que envolve aspectos culturais e sociais adquiridos pela vivência e relações sociais.

Pode-se perceber, portanto, que nessa equação comunicativa há, de um lado, o refugiado, que carrega uma bagagem cultural diferente, e, de outro, alguém que precisa mobilizar sua fraternidade e alteridade para reconhecer e respeitar o diferente, ajudando-o nesse momento.

Duas iniciativas que já existem no Brasil são bons exemplos disso. Uma delas são experiências de ONGs, como a Abraço Cultural, que atualmente possui unidades no Rio de Janeiro e em São Paulo, e de outras instituições que promovem aulas de língua portuguesa direcionadas aos refugiados. Outra ação são os espaços que disponibilizam e promovem o ensino de língua estrangeira com refugiados para os brasileiros, por meio de aulas dinâmicas, individuais ou em grupo.

No ensino-aprendizagem da língua de acolhimento, existem algumas demandas às quais os profissionais da área de linguagens devem estar atentos, tais como a criação de cursos mais curtos. Isso porque deve-se levar em conta a situação provisória daqueles sujeitos, muitas vezes ainda à procura de moradia,



e os gastos com transporte de deslocamento para as aulas, que podem inviabilizar a frequência do aluno. Além disso, o foco curricular dessas aulas precisa priorizar um vocabulário pertinente à realidade deles (por exemplo: informações burocráticas referentes ao aluguel de uma casa, como se deslocar por meio de transporte público etc.), voltado à vida prática, com métodos que facilitem essa aprendizagem.

Esse é o grande diferencial que as aulas voltadas para os refugiados precisam ter, priorizando métodos e conteúdos diferentes dos oferecidos em aplicativos de celular ou *sites*, que em sua maioria oferecem um léxico voltado a turistas.

Já em relação às aulas de idiomas com um falante nativo oferecidas a brasileiros, a troca cultural entre professor-aluno viabiliza a ideia de que, ao aprender um idioma, não se pode esquecer de que a linguagem é criação da realidade e de seus pontos de vistas.

Além de permitir recursos financeiros ao refugiado, essas aulas também possibilitam romper com estigmas e preconceitos em relação a esses sujeitos, sendo ainda outro caminho de acesso e trocas culturais entre países diferentes. Afinal, os refugiados eram estudantes, professores, cozinheiros, médicos ou engenheiros etc. com diplomas e certificados até que foram obrigados a abandonar suas nações. Em alguns casos são inclusive políglotas e capacitados em sua área de formação.

Expressões artísticas em trânsito

Os refugiados trazem novas expressões artísticas, como acessórios, roupas, pratos culinários, música, estilos e o próprio idioma para o local em que escolheram para recomeçar suas vidas, promovendo, assim, o aumento da riqueza cultural e linguística ao novo país.

É importante frisar que o acolhimento aos refugiados e o auxílio em sua inserção e estabelecimento social demandam não apenas um ou outro elemento. Não basta apenas ter uma moradia, é importante que se consiga viver em condições dignas, ao mesmo tempo que isso não basta sem o suporte jurídico do Conare para a permanência; é importante conseguir emitir os demais documentos para ingressar no mundo do trabalho.

São necessários diferentes, complexos e simultâneos elementos. Nesse cenário, a linguagem permite estabelecer conexões entre o refugiado e o interlocutor, além de expressar necessidades concretas. Possibilita, por exemplo, preencher e participar de espaços jurídicos, pedir ajuda, ler e assinar contratos, buscar por trabalho, narrar a própria história, enfim, alocar-se dignamente e usufruir de direitos.

A linguagem permite um processo de sensibilização e conscientização que possibilita o desenvolvimento do sentimento de humanidade entre as pessoas: pelo contato com o outro se percebem as semelhanças que todos possuímos como seres humanos, a beleza e a riqueza das demais culturas. Esses elementos são importantes ao se pensar fraternalmente no acolhimento aos refugiados, que por algum abalo estrutural precisaram de um recomeço.

A **Orquestra Mundana Refugi**, por exemplo, é fruto desse contato e sensibilização entre diferentes sujeitos, que fazem uso da linguagem musical para trabalharem juntos. Formada por músicos brasileiros, imigrantes e refugiados, a orquestra traduz essa diversidade em seu repertório e nos instrumentos utilizados, mostrando que há uma experiência em comum que permite a vivência coletiva mesmo entre aqueles que parecem tão diferentes.

Conheça o trabalho da **Orquestra Mundana Refugi**.



<https://ftd.li/3grsik>



Crianças participando da instalação artística *Desenhos sonoros: refugiados e identidades em fluxo*, do Projeto LINCE no evento *Portas Abertas*, em São Paulo.

Outros casos bem-sucedidos de integração e acolhimento aos refugiados no Brasil por meio de expressões artísticas foram desenvolvidos pela Caritas Arquidiocesana de São Paulo, centro de referência para refugiados. A organização, que atua em conjunto com a ONU e o governo brasileiro auxiliando refugiados, uma vez por semestre, na capital paulistana, realiza o evento **Portas Abertas**, aproximando os visitantes dos serviços prestados por refugiados, as vivências que tiveram no estrangeiro e as semelhanças e diferenças com o dia a dia do brasileiro.

Outra ação da Caritas é a parceria com o Coletivo Projeto **LINCE**, que apresentou um painel de desenhos feitos por refugiados relatando os problemas existentes no país de origem. A linguagem plástica permitiu às crianças se expressarem sobre o tema completando a obra e adicionarem seus desenhos ao painel, podendo assim aumentar sua percepção e aproximá-las da realidade sobre o deslocamento e a permanência em outro país.

Para fortalecer a relação entre aqueles que chegam ao novo país e a sociedade anfitriã existem vários caminhos. A linguagem é universal, seja ela verbal, musical, plástica, ou qualquer outra, manifestando-se com diferentes nomes e cores em cada parte do planeta. É importante mobilizar a empatia e o altruísmo, pois são realidades de seres humanos em situação de vulnerabilidade, que não podem mais retornar ao próprio país.

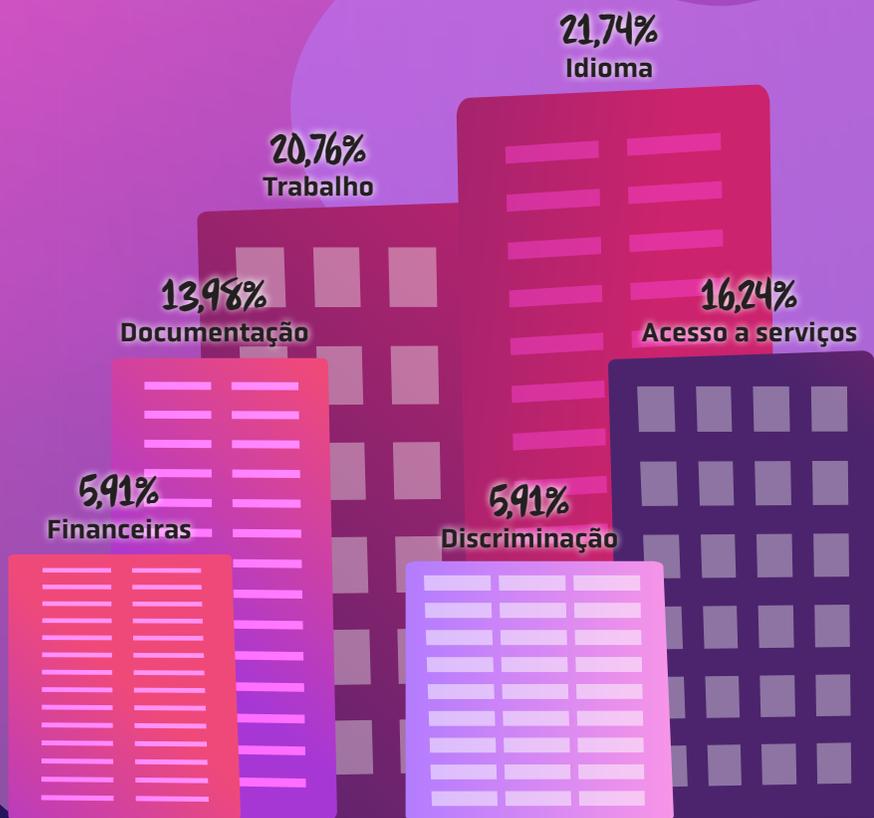
Ainda que possam ter chegado apenas com uma ou duas malas, por vezes com sacolas apenas, ou mesmo sem quaisquer pertences, os refugiados trazem lembranças, desejos, saudades, identidades de um coletivo que, por ora, foi de certa forma despedaçado por guerras ou perseguições, e podem contribuir, e muito, para seu novo país se encontrarem acolhimento.



◀ **Vitória Trombetta** é graduanda na Universidade de São Paulo. Durante seu estágio no Departamento de Letras Orientais da USP, deu início a aulas voluntárias de português para crianças brasileiras e refugiados, de países como Síria, Egito e Palestina. Durante seis meses não consecutivos estudou em Omã, no Oriente Médio. É tradutora e intérprete de árabe na Caritas Arquidiocesana de São Paulo.

REFUGIADOS NO BRASIL

PRINCIPAIS DIFICULDADES

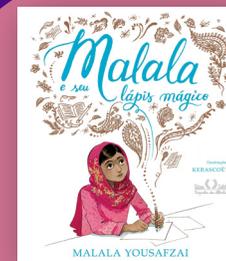


LIVROS PARA SABER MAIS



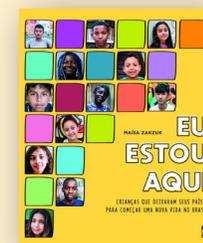
A menina que abraça o vento.

Fernanda Paraguassu e Suryara Bernardi. Vooinho.



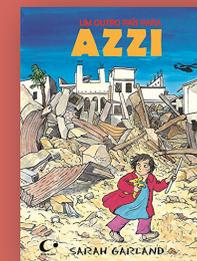
Malala e seu lápis mágico.

Mohsin Hamid. Companhia das Letras.



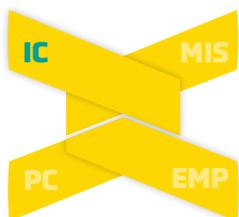
Eu estou aqui.

Maísa Zakzuk. Panda Books.



Um outro país para Azzi.

Sarah Garland. Editora Pulo do Gato



> **Investigação Científica**

V A questão do refúgio é um tema bastante pertinente, presente em diversas discussões atuais e serve de alerta para os impactos que as guerras, perseguições políticas e outras violações dos direitos humanos causam na vida das pessoas e aponta para a importância da linguagem, em suas variadas formas, na vida delas.

Em outros momentos da história, houve movimentos migratórios intensos, e muitos brasileiros também carregam as próprias histórias como refugiados ou então de familiares que chegaram ao Brasil por motivos de guerra ou perseguição religiosa/étnica em seu país de origem.

Com isso em mente, escolha um período temporal específico e pesquise uma nacionalidade com grande número de entrada no território brasileiro, fazendo uso da solicitação (e obtenção) de refúgio. Ao ter essas duas informações básicas, verifique se há influências linguísticas ou culturais dessa nacionalidade no território brasileiro. Por exemplo: A entrada de sírios no Brasil a partir de março de 2011 (data do início da guerra civil). Há influência da língua árabe no português? É possível encontrar lugares que expressam a cultura síria, seja na gastronomia, na literatura ou em outras ramificações? Quais?

Planeje uma apresentação com as informações coletadas, compartilhando sua pesquisa. Tente focar nos elementos de troca e influências artísticas e linguísticas.



A pesquisa visa contato do aluno com realidades que ele desconheça total ou parcialmente, portanto é importante valorizar e resgatar relatos de refúgio para registrar a história individual dos sujeitos e para mobilizar e desenvolver a empatia com o tema. Dessa forma, o refúgio deixa de ser uma questão *dos outros* e se torna coletiva. Para conhecer mais histórias, pode-se acessar o site do **Museu da Imigração do Estado de São Paulo** <<http://museudaimigracao.org.br/>> [acesso em: 29 jan. 2020], caso seja inviável realizar uma visita presencial.

Para mais informações sobre o tema, ou ajudar na investigação do assunto, pode-se visitar o site da ACNUR, <www.acnur.org> [acesso em: 29 jan. 2020] ou do Ministério da Justiça e Segurança Pública do Governo Federal, <www.novo.justica.gov.br> [acesso em: 29 jan. 2019], que traz dados sobre refugiados no Brasil por meio da publicação “Refúgios em números”. Para a pesquisa sobre estatísticas de ingresso de refugiados no Brasil, pode-se ainda utilizar o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <<https://cidades.ibge.gov.br/>> [acesso em: 29 jan. 2020].

Outros modos de sensibilizar sobre o tema podem envolver alguma série de televisão que exponha diferenças utilizadas para a justificação de conflitos, ou algum livro, música, quadro etc. como indicado em outros momentos desse material.

Além disso, abordar com profundidade as palavras utilizadas nos discursos e textos sobre o tema, bem como seus significados, permite que a pesquisa e a discussão ganhem um novo contexto. Os vernáculos “refugiado” e “linguagem”, por exemplo, têm formado diferentes significados e ramificações, sempre possíveis de serem reorganizados pelos leitores.

Ainda na discussão sobre o tema, pode-se pensar nas categorias de “verdade”, “falso”, “feio”, “belo”, “útil”, “inútil”. O estímulo à percepção para reconhecer e se abrir às inúmeras possibilidades de abordar e opinar sobre um mesmo assunto viabiliza diferentes modos de observar e julgar elementos importantes para a pesquisa. É essencial compreender a conexão entre os assuntos e mostrar a dependência e o entrelaçamento de um assunto com outro.

Na BNCC:

- EMIFCG01
- EMIFLGG01
- EMIFLGG03

Conteúdos abordados:

- Aproximação contextual;
- Expressividade e comunicação;
- Deslocamento forçado.

A arte e a vida: dinâmicas de representação

Neste ciclo de 2020, o **Articulação Itinerários LT** aborda temas que se relacionam às dinâmicas de representação que nos levam a crer que a arte imita a vida, e vice-versa, por meio do estudo de criações artísticas em seus contextos de produção e como reverberaram na sociedade de então, analisando seu caráter transcendental e de vanguarda com base no que refletem: a essência humana.

ARTI CULA ÇÃO

ITINERÁRIOS

MARÇO | 2020 EDIÇÃO Nº 3

LINGUAGENS



Diretor de conteúdo e negócios

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto

Cayube Galas

Gerente editorial

Júlio Ibrahim

Gerente de produção e design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Cláudia Pedro Winterstein

Editores assistentes

Ana Araújo

Thiago Costa de Oliveira

Coordenador de eficiência e analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão

Adriana Soares de Souza

Preparação e revisão

Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto

Marcia Berne

Pesquisa de Iconografia

Equipe FTD

Coordenadora de arte

Daniela Máximo

Supervisor de produção e arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico

Bruno Atilli

Editora de arte

Adriana Maria Nery de Souza

Créditos das imagens:

p.1. Ruslana Iurchenko/Shutterstock.com; p.2. Alessandro Paderni; p.3. Antônia Souza/Mentes Abertas/Instituto Adus;
p.5. Seita/Shutterstock.com; p.6. Monkey Business Images/Shutterstock.com; p.7. ZouZou/Shutterstock.com;
p.9. Jana No Hibi/Coletivo Projeto Lince, Acervo pessoal;
p.10. Visual Generation/Shutterstock.com, Vooinho, Companhia das Letrinhas, Panda Books, Pulo do Gato e Editoria de arte